

FETICHISMO, ALIENAÇÃO E EDUCAÇÃO COMO MERCADORIA

Alex Sander da Silva¹

Resumo

Neste artigo pretende-se, de forma breve, apontar o caminho da reflexão sobre a *Educação como mercadoria*, de modo que se possa retomar o conceito de *fetichismo*, no âmbito da própria educação. Podemos dizer que a educação se encontra no “fogo cruzado” entre a cultura e a barbárie, isto é, está ela no interior da tensão dialética da formação da consciência e transformação da realidade ou circunscrita ao jogo de dominação e da *regressão social do espírito*.

Palavras-chave: Fetichismo; Mercadoria; Educação; Alienação; Formação.

Introdução

No capitalismo a norma é o lucro, a *exceção* é a regra, o limite é a exploração, e a consequência é a *totalização do mesmo*. Sua atualidade e atuação, fincadas na máxima “roupagem” e “blindagem” ideológica, põem em sustentação o mais profundo e perverso *totalitarismo* do mercado, disfarçado, sobretudo no conceito de liberdade e na máxima da exploração do trabalho e do “*fetichismo da mercadoria*”.

¹ Doutor em Educação pela PUCRS, Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação (Mestrado), Universidade do Extremo Sul Catarinense (Unesc); Avenida Universitária, 1.105 – Bairro Universitário; Caixa Postal 3.167; CEP: 88806-000 – Criciúma (SC). FONE: (48) 3431-2724 – Bloco Q, sala 15. E-mail: alexanders@unesc.net

O tema do fetiche da mercadoria aparece na obra magna de Marx, *O Capital*, para explicar o caráter que as mercadorias possuem dentro do mercado capitalista, isto é, o de ocultar a exploração nas relações de trabalho. A produção de mercadorias na sociedade capitalista produz determinadas relações sociais, que são, em geral, ocultadas pelo processo daquilo que Marx considera *fetichização*. E é na produção da mercadoria e na exploração do trabalho alienado que esse fenômeno acontece.

Neste texto pretende-se, de forma breve, retomar esse conceito de *fetichismo da mercadoria*, para considerá-lo no âmbito da própria educação. O caminho da reflexão é adentrar na polêmica sobre o significado da *Educação como mercadoria*, e das suas consequências para análise do trabalho educativo. Pode-se dizer que a educação se encontra no “fogo cruzado” entre a cultura e a barbárie e, está ela mesma no interior da tensão dialética entre o jogo de dominação na exploração do trabalho alienado e da regressão social da consciência e a formação da consciência desalienada e própria luta pela transformação da realidade.

Retoma-se brevemente o conceito de fetiche da mercadoria de Marx, para apontar que o capitalismo demonstra cada vez mais sua perversidade e dominação. Em seguida, analisa-se a permanência da totalidade social capitalista que eleva a alienação, configurada na própria massificação cultural. Por fim, aponta-se a educação envolvida nas contradições sociais, transformada ela mesma em mercadoria.

Marx e o fetichismo da mercadoria

Karl Marx (1818-1883), na obra *O Capital*,² ao tratar sobre o caráter “misterioso da mercadoria”, cunha o conceito de *fetichismo da mercadoria*, sob o ponto de vista da sua teoria do valor. A produção de mercadorias sedimentadas nas relações de dominação de quem detém os meios de produção, na visão de Marx, torna-se “fantasmagórica” na medida em que ocultam as características da própria relação de trabalho. E isso se deve ao fato de que a mercadoria possui um duplo sentido de valor: um de uso e outro de troca.

Segundo Marx, o modo de fetiche da mercadoria “não provém do valor de uso, nem tampouco dos fatores determinantes do valor” (p. 159). Mas decorre do próprio caráter social do trabalho que produz as mercadorias. Nesse aspecto, o processo que torna a mercadoria como que tivesse vida própria faz com que se configure o fetichismo da mercadoria.

E é na forma social da produção desse fetichismo que há uma inversão entre o papel dos seres humanos e as mercadorias. Estas podem se relacionar socialmente através de troca, e para que isso aconteça é preciso que seja operada uma abstração das suas diferenças. Por exemplo, sapatos e calças são diferentes, para que seja possível a troca de mercadorias diferentes, é preciso estabelecer um critério que as iguale e as meça comparativamente. Desse modo, torna-se possível determinar quanto uma mercadoria vale em relação a outra, de acordo com a quantidade de trabalho socialmente necessária para a produção de ambas.

² O primeiro capítulo de *O Capital* é destinado à análise da mercadoria. Em Marx, a análise do papel da mercadoria dentro do sistema capitalista é que permite determinar o caráter do trabalho no mesmo. Busca compreender a especificidade da mercadoria dentro do sistema, e, principalmente, a que se deve seu valor. Mais detalhes ver: RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

Esse processo é uma relação quantitativa de troca de valores de usos diferentes que abstrai o próprio valor de uso. Esse artifício de abstração ocasiona uma camuflagem no modo operacional das relações de produção, pois se vê menos a complexidade do que a simplificação do processo de produção e de consumo das mercadorias. Essa abstração é que permite a quantificação do valor das mercadorias, “a qual se materializa na mercadoria universal que é o dinheiro” (DUARTE, p. 8).

Os seres humanos se relacionam com as mercadorias através do dinheiro, que passa a representar as características objetivas dos próprios produtos do trabalho, como se fossem propriedades sociais inerentes a essas coisas. A relação social através da forma-dinheiro, como na forma-mercadoria, é uma relação social fetichizada.

Como nos explica Antunes (2006, p. 212),

Com o fetiche da mercadoria, do dinheiro e, especialmente, do salário, o mundo real, e não apenas a consciência que os homens (*e mulheres*) tomam deste mundo, é desfigurado e posto de cabeça para baixo. A consciência dos homens (e mulheres) não se põe ela própria de cabeça para baixo, ante ao contrário, é o mundo desfigurado e posto de cabeça para baixo pelo fetiche que deforma e inverte a consciência humana [...] é o mundo mágico e enfeitado do mercado, do dinheiro e da produção de mercadorias que enfeitiça e engana o homem (*e a mulher*) [...]. A abolição do fetiche pressupõe, por isso, a abolição da produção baseada no capital (grifos meus).

De saída deve-se lembrar que, para Marx, a sociedade que superdesenvolveu as forças produtivas tornou cada vez mais o “primado da economia” o centro. Isto é, a centralidade do trabalho que produz mercadorias tornou o trabalho em mediações sociais cegas, transformando-o numa condição totalmente hegemônica e anacrônica sob o domínio do capital. Em síntese, podemos dizer que a mercadoria como produto do capital implicou na materialização do fetiche da produção social da vida.

A produção de mercadorias na sociedade capitalista produz determinadas relações sociais, que são em geral ocultadas pelo processo de *fetichização*. Isto confirma

os prognósticos marxianos: “tal sociedade já não tem mais *grund* – fundamento, razão de ser” (DUARTE, 2005). As formas que convertem os produtos do trabalho em mercadorias e seu fetiche constituem a forma de circulação das próprias mercadorias, e esta possui uma consistência peculiar, por assim dizer, na produção da vida social no capitalismo.

De posse dessas considerações, nota-se na visão de Marx, que o caráter fetichista da mercadoria provém do caráter social sugerido como inerente às próprias mercadorias, esta não se reduz ao trabalho que as produz. Posteriormente, nas relações de troca, as características sociais do trabalho se evidenciam. As coisas adquirem as relações sociais e as pessoas têm suas relações coisificadas pela linha tênue entre as relações de produção e o movimento das coisas. De acordo com Rubin (1980, p. 24), “a coisa não só oculta as relações de produção entre as pessoas, como também as organiza, servindo como elo entre as pessoas”.

A partir daí, é possível delinear que a visão de Marx sobre o fetichismo diz respeito à inversão que é operada pelo capitalismo entre sujeitos e objetos. Como pode ser possível uma construção objetiva de conhecimento em uma sociedade em que haja essa inversão? Até que ponto as formas de apreensão da realidade (ideologias, burguesas ou proletárias) não são somente uma representação fetichista de mundo?

Acerca de tais questões, podemos dizer que, no capitalismo, o caráter social das relações de produção de mercadoria é obscurecido. É como se um véu nublasse a percepção da vida social materializada na forma dos objetos, dos produtos do trabalho e de seu valor. De acordo com Rubin,

(...) relações humanas por trás das relações entre as coisas, revelando a *ilusão da consciência humana* que se origina da economia mercantil e atribui às

coisas características que têm sua origem nas relações sociais entre as pessoas no processo de produção (1980, p. 19) (grifo nosso).

Ao admitirmos que o capitalismo mantenha sua totalização dominadora e a maioria explorada sob seu domínio ideológico, podemos dizer que ele mantém os seres humanos reféns do próprio fetichismo da mercadoria. Este se reproduz sob o próprio domínio da massificação dos indivíduos. A partir disso, não restam dúvidas de que na produção capitalista se desfigura o trabalho humano, que consiste numa conveniente armadilha para sua manutenção da produção alienada e exploração.

O predomínio do capitalismo e o processo de reificação da consciência

Se vivemos um mal-estar da crise civilizatória³ nos descaminhos do processo produtivo e da formação humana, particularmente, nos aspectos de um predomínio da dominação da mais-valia, se ainda presenciamos fortemente alguns sintomas de dominação ideológica da consciência, podemos ter a suspeita de que seja por conta do vínculo muito estreito que mantemos com as mazelas do *fetichismo* da mercadoria.

No capitalismo, com sua produção social de mercadorias e com sua “roupagem ideológica”, mostra-se cada vez mais sua perversidade e totalitarismo sobre a vida concreta dos indivíduos e sobre suas formas de pensamento. A produção do fetiche da mercadoria torna-se subproduto da vida social, que insiste na “produção do mesmo”, na sua forma de reproduzir *o capital*. E ao admitirmos a subprodução da vida social no capitalismo, tem-se conservado todas as suas formas ideológicas de manutenção do sistema.

³ Utilizo a expressão “crise civilizatória” para apontar os vários problemas que a humanidade vem sofrendo em diversos âmbitos, particularmente, a partir do esgotamento dos recursos naturais e do avanço progressivo dos conflitos entre nações, intermediados na luta pelo domínio político, econômico e social.

Ao admitirmos que o capitalismo mantenha a maioria explorada na sua ideologia, isso é sinal de que tal maioria está refém do próprio fetichismo da mercadoria. Nesse sentido, as relações de trabalho expressam essa totalização nas diversas formas de reificação da consciência.

Esse processo está intimamente vinculado ao crescente interesse de mercantilização de todos os âmbitos da vida humana. Tudo se transforma em mercadoria, produzida material e socialmente na forma de valor de troca. As ações humanas, nesse sistema, correspondem, elas mesmas, apenas às expectativas e aos interesses do mundo produtivo da mais-valia.

O elevado grau de competitividade mercantil, a desregulamentação do Estado, tem demonstrado a radicalização da exploração capitalista em nossos dias. Notícias sobre uma crise estatal circulam por todos os lados e se mostram em todos os lugares. Não apenas nos jornais impressos e televisivos, nas rádios e na internet, a ofensiva do capital mira os mais diversos mecanismos de formação da consciência.

Toda a preocupação das políticas do sistema está em convencer os indivíduos de que os “desastres sociais” são consequências naturais do mercado. Todavia, todos esses, com maior ou menor grau, expressam processos de crises do próprio capitalismo.⁴ A crise não é uma invenção ou exclusividade do capitalismo, no entanto, a diferença é que as crises das sociedades capitalistas sempre estão relacionadas aos fatores da superprodução e da superexploração do capital sobre o trabalho.

⁴ Marx n' *O Capital* faz, em diversas partes do texto, uma análise profunda sobre os mecanismos estruturais de geração das crises do capitalismo. Dos principais mecanismos, um diz respeito à brutal “queda da taxa de lucro”, e outro à “crise de superprodução”. Esses dois mecanismos apareceram recentemente na chamada “Crise econômica de 2008”, que atingiu o centro da economia dos Estados Unidos, igual ou pior que a “crise de 1929”. Para melhor aprofundamento sobre o tema ver: ITURBE, Alejandro. A pior crise desde 1929?”. In: *Marxismo Vivo. Revista de teoria e política internacional*. Nº 19. 2008.

A crítica central de Marx se concentra sobre reificação capitalista das relações de produção e alienação do trabalho. Na sociedade regida pela lógica da produção e do consumo, a realização do trabalho é sua reificação objetiva, ou seja, o sujeito trabalhador é transformado e a natureza a ser transformada são “coisas”. Tudo e todos se tornam “coisas”. É nesse sentido que a realização do trabalho é a negação do ser humano, tanto em sua universalidade quanto em sua singularidade.

A alienação é um dos fatores que promovem a desfiguração do trabalho, tornando-se o algoz da condição humana na sociedade capitalista. Com o advento do capitalismo, o trabalhador é separado dos meios de produção, é espectador da detenção privada dos meios de produção. De fato, “ele fiou e o produto é um fio”, mas ele não se reconhece nos produtos a que “dá vida”.

Nesse aspecto, o trabalhador aliena-se do trabalho, logo, perde sua essência humana e delega para outrem o poder de comandar a sociedade e a sua própria vida. O trabalhador perde o trabalho, o saber e, conseqüentemente, submete-se ao poder pernicioso do capitalismo. Essa progressiva e assustadora incorporação do trabalhador aos sustentáculos da produção de mercadorias torna-se um dos pilares da reificação das relações sociais.

Nesse particular, a alienação é a expressão de uma inversão que ocorre no relacionamento do ser humano com ele mesmo. Essa inversão refere-se à relação com o produto, sobretudo, porque insiste na produção do mesmo (no sentido do sempre igual). Isso implica numa crescente manipulação do trabalhador pela publicidade das empresas capitalistas nas esferas da produção e do consumo. Tanto na forma de reproduzir o

capital quanto na reprodução do próprio fetiche, o consumo torna-se uma deterioração potencial da qualidade da consciência humana.

Para José Paulo Netto, em *Capitalismo e Reificação*,

Enquanto a organização capitalista da vida social não invade e ocupa todos os espaços da existência individual, como ocorre nos períodos de emergência e consolidação do capitalismo (capitalismo comercial e industrial concorrencial), ao indivíduo sempre resta um campo de manobra ou jogo, onde ele pode exercitar minimamente a sua autonomia e o seu poder de decisão, onde lhe é acessível um âmbito de retotalização humana que compensa e reduz as mutilações e o prosaísmo da divisão social do trabalho, do automatismo que ela exige e impõe, etc. (1981, p. 81).

A forma como o capital os converte em mera peça da engrenagem social e em seu fetiche também constitui a própria manipulação de sua consciência para massificação *ideológica do consumismo*.⁵ Nesse particular, a dinâmica social envolve tanto uma ampliação da esfera da produção incontrolável quanto a manipulação das necessidades e desejos do consumidor.

É sob essa perspectiva que os mecanismos permitem a permanência extemporânea da ideologia da produtividade e alienação máxima dos indivíduos. Alienação é o fenômeno que viabiliza a permanência do capitalismo, num contexto em que, na sua irracionalidade – algo que se demonstra na desproporção, na superfluidade e no desperdício –, suas contradições tornam-se expostas.

O resultado desse triunfo da lógica da produção e do consumo é a criação de uma aparência de “livres escolhas”. No entanto, o que caracterizaria a vida dos

⁵ O mercado atual vive das “novas tendências” dos produtos para o consumo desenfreado. Somos impelidos pelas propagandas, pelas mensagens subliminares, que fazem de tudo para nos induzir a esse consumo “infinito”. Bauman, em seu livro *Vida para o consumo: a transformação da pessoa em mercadoria* (2008), discute aspectos centrais do fetichismo que as mercadorias passam a exercer sobre os consumidores, fazendo-os não só se sentirem, mas portarem-se como mercadorias. Ver detalhes em: BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação de pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

indivíduos no capitalismo são formas de coerção funcional, que demonstram uma circunstância em que o membro particular da espécie humana se vê condicionado por uma rede funcional do sistema em que está inserido.

Não insistiremos nesse debate, mas é preciso notar que as razões da permanência da alienação são numerosas e podem ser procuradas no esfacelamento dos indivíduos no próprio capitalismo.

Educação como mercadoria: continuação do fetichismo

No âmbito das análises sobre a educação no capitalismo, o tema do fetichismo da mercadoria é um importante ponto de partida para compreender a lógica de mercado que invade progressivamente a organização educacional. A educação encontra-se inserida numa problemática sociedade de mercados capitalistas, e uma das consequências desse processo são as tensões e afecções dos interesses sociais antagônicos.

Dessa forma, a exploração capitalista, na tentativa de ter controle sobre a situação, transforma seu discurso em verdadeiros mantras. Alguns desses atribuem um papel central para a educação como fator de ascensão social pelo trabalho, pela qualificação profissional, entre outros. E uma das consequências disso está intimamente vinculada ao crescente interesse de mercantilização da educação, principalmente, por órgãos econômicos mundiais.⁶

⁶ É ilustrativo como a OMC (Organização Mundial do Comércio) inclui a educação no setor de serviços, o que se definiu nas reuniões do GATS – Acordo Geral de Serviços – (sigla em inglês). Isso significa que a educação não é mais tratada como direito social e sim como um serviço disponível no mercado a ser comprado, negociado. Ver artigo de Angela C. de Siqueira. A regulamentação do enfoque comercial no setor educacional via OMC/GATS. In: Revista Brasileira de Educação. pp. 144-185. Nº 26, mai/jun/jul/agos, 2004.

Conforme Moraes (2001), documentos de organismos multilaterais como Banco Mundial, Unesco, Cepal; de mercados regionais como Mercosul e União Europeia, ou os de governos nacionais são unânimes em assegurar a centralidade da educação – e, sobretudo a chamada educação básica – nas atuais circunstâncias econômicas e políticas. Com mais ou menos transparência, duas razões justificam tal centralidade.

Em primeiro lugar, porque a educação, ela própria, tornou-se mercadoria mediante a introdução de mecanismos de mercado no financiamento e gerenciamento das práticas educacionais. Um produto a mais entre os muitos a serem consumidos. Em segundo, porque a ela é atribuída a função de formar a força de trabalho com as “competências” necessárias para atender ao mercado (MORAES, 2001, p. 9).

Os destinos da educação, desse modo, parecem estar diretamente articulados às demandas de um mercado insaciável e da sociedade dita do “conhecimento”. Como decorrência, os sistemas educacionais dos vários países sofrem pressões para construir ou consolidar escolas mais eficientes e aptas a preparar as novas gerações e, além da atualização do sistema escolar, criam-se mecanismos para regulação e controle de uma educação *falsamente* continuada.

Além de uma crescente política de *privatização* da educação, os processos institucionais e pedagógicos são submetidos cada vez mais aos processos empresariais de organização – mais qualidade com menos custos – essa é a lógica do sistema. Conforme Shiroma, Moraes e Evangelista (2002, p. 114-116), os ditos “reformadores da educação”, alegam preocupação quanto ao desempenho e eficiência da educação, propõem modelos que recomendam aos governos uma articulação entre *público-privado*, as quais revelam o caráter privatista das reformas educacionais, que impõe a lógica do mercado ao setor educativo.

Essa lógica privada na administração do ensino expressa a busca da *eficiência* e da *produtividade* (ibidem, p. 118). Nesse sentido, o problema do fetichismo não termina com a revelação do social, em sua objetivação petrificada, mas conduz à necessidade de decifrar as determinações *subjetivas* desse social (pela base), pela qual, a própria produção, como subjetividade, seria determinada na lógica do fetiche, de modo que, se preserve a continuidade do vigente, na medida em que lhe corresponderia *uma determinada* consciência alienada.

Por um lado, ampliam-se os números de resoluções, leis, pareceres e inúmeros outros documentos nacionais e internacionais operando um verdadeiro “transformismo” na educação contemporânea. A *publicização* imperativa insiste na centralidade da *educação do futuro*,⁷ capaz de formar indivíduos felizes e capazes de atuar nesse mundo.

Por outro lado, embora aumente a oferta de matrículas, se mantém um grande índice de evasão escolar, seguem caóticos os índices e as práticas formativas escolares e os sistemas de ensino padecem de um enorme centralismo e verticalização. A educação segue como alvo de uma política de *desregulamentação* do Estado e de interesses mercadológicos em seu funcionamento.

No dizer de Pedro Goergen, o ensino, nesse sistema, será tanto mais valorizado quanto mais efetivamente contribuir para a performatividade sistêmica através da formação das competências exigidas:

⁷ Cito aqui, de modo particular, Delors, Jacques. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez, 1998. Em nossa opinião este relatório preserva no *espírito da letra* o predomínio da concepção educacional voltada para a tentativa de suprir os (des)caminhos adotados pelas políticas neoliberais. Tais políticas buscam impor seus argumentos também para resolver os problemas educacionais. Para uma perspectiva crítica de análise desses argumentos, ver: GENTILLI, P. *Pedagogia da exclusão*. Crítica ao neoliberalismo em educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

Na sua versão periférica, este modelo promete enfrentar os desafios da educação com medidas, sob muitos ângulos, suspeitas, como a privatização do ensino, o incremento ao tecnicismo, a integração social pelo enaltecimento da racionalidade científico-técnica. Mesmo atentos à inutilidade do discurso romântico que teima em desconhecer os sérios problemas de financiamento da educação e o poder quase irresistível da lógica científico-tecnológica, é necessário submeter às soluções neoliberais a uma revisão crítica precisamente a partir do papel do ser humano enquanto sujeito de seu pensar e agir. Rentabilidade e funcionalidade são critérios que não podem ser aplicados ao modelo social a despeito de quaisquer efeitos para o ser humano (GOERGEN, 1996, p. 24).

Essas dimensões expressam a condição da educação como mercadoria na medida em que se procura reduzir seu sentido social aos interesses da exploração da mais-valia. Isso representa um empobrecimento tanto do conceito de educação, enquanto processo de socialização, como no seu sentido de coesão e viabilidade social (OLIVEIRA, 2009, p. 753).

Temos na literatura um intenso debate, particularmente, nos países anglo-saxões, no fim dos anos 1980, entre a concepção da educação como mercadoria, de um lado, e como bem público, de outro. Para compreender o significado da educação como mercadoria é necessário que se amplie o significado da produção de mercadorias educacionais.⁸

Em tese, a educação é um serviço, todavia, ela se concretiza a partir de relações sociais objetivas de dominação no capitalismo. A educação *como produto do capital*, implica a *materialização* da produção social da vida. Nesse sentido, a educação como mercadoria não é mais uma simples retórica ideológica. Mas passa a atuar como um divisor de águas entre os processos de adequação às “novas demandas sociais” do capitalismo avançado e à própria cultura. Assume o papel também de personificação de

⁸ Encontramos alguns trabalhos que vão nessa direção. Indico o artigo “A transformação da educação em mercadoria no Brasil” de Romualdo Portela de Oliveira, publicado na Revista Educação e Sociedade, em 2009. Ver no final referência completa.

seus fundamentos materiais, caracterizando uma subserviência aos ditames da produção capitalista.

O tipo de desempenho exigido dos indivíduos para se adequarem ao processo produtivo tem consequências diretas para o modo como pensam, percebem e se relacionam com o mundo e com seus semelhantes. As condições objetivas e subjetivas débeis impedem que os grupos sociais desprivilegiados cultural e economicamente construam uma consciência crítica e livre.

As pretensões formativas da educação como mercadoria corroboram esse estado de coisas. Nesse sentido, ao invés de preparar os indivíduos para exercerem um papel de sujeito na sociedade, a educação tem reforçado sua condição de submissão e obediência, de objeto serviçal dos agentes encarregados da reprodução do *ethos* capitalista. Destarte, enquanto espaço institucional, a educação tem se constituído em *locus* privilegiado para a proliferação do fetichismo das consciências adormecidas.

Aqueles que possuem como único meio de formação os canais e as instâncias mediadoras controladas pelos divulgadores do pensar dominante encontram facilidade de se autoenganar pelos ditames da ordem estabelecida. Essa massa de educandos, com as consciências definhadas e deformadas, não consegue perceber os arcanos ocultados pelos produtos culturais, que portam, em seu bojo, a ideologia dos grupos dirigentes (aqui poderíamos falar da sedução imposta aos jovens da classe trabalhadora dos celulares da última moda, *ipad*, *iphones*, só para citar os utensílios eletrônicos).

A educação tem cumprido, no capitalismo, uma tarefa basilar para a dominação dos indivíduos: desviar a atenção do manifesto segredo ideológico. Segredo do qual as massas nem desconfiam, mas que é vital para que a dominação permaneça inalterada.

Todavia, a ruptura com o fetichismo da educação como mercadoria, passa pela compreensão dos mecanismos da produção social do próprio capitalismo. Isso depende da compreensão dos aspectos da tensão dialética do conceito educativo, em seus fatores de resistência e crítica.

Considerações finais

O tema do *fetichismo* da mercadoria oriunda do processo valorativo da produção capitalista analisado por Karl Marx. Assim, a análise marxiana do fetichismo e o modelo derivado de sua teoria da produção são muito profícuos à crítica à educação como mercadoria. E nos deparando com uma série de problemas relacionados à educação, podemos compreender que eles não estão desarticulados das problemáticas nada circunstanciais do capitalismo avançado.

A função social da educação (de modo particular, a escola) só se explicita na medida em que se desenvolve a perspectiva de sua apreensão em seu duplo caráter material. Nesse sentido, o que se observa, de um lado, atualmente no Brasil, é a progressiva redução do entendimento dos impasses das políticas educacionais. Por outro lado, as pseudossoluções, aparentemente desconexas, estão organicamente articuladas como peças de uma engrenagem social contaminada pelas relações de mercados capitalistas.

O que se quer realçar do exposto é que a luta pela defesa da educação contra seu caráter mercadológico é uma necessidade efetiva para uma nova estratégia social. Esta perspectiva sinaliza os dilemas e conflitos face ao substancial da educação da classe trabalhadora. A via de acesso a tal substância é o reconhecimento do processo de reprodução das relações materiais vigentes e de resistência a ele.

Isso significa reorientar as práticas formativas da educação contemporânea. Nesse particular, a formação cultural (de modo particular, a educação) seria impotente e enganosa se ignorasse sua dimensão de adaptação e não preparasse os seres humanos para a realidade social existente. Contudo, torna-se necessário compreender a educação também no caminho *da resistência ao fetichismo da mercadoria*.

FETISHISM, ALIENATION AND EDUCATION AS MERCHANDISE

Abstract

In this article it is intended, of brief form, to point the way of the reflection on the *Education as merchandise*, in way that if can retake the *fetishism* concept, in the scope of the proper education. We can say that the education if finds in the “fire crossed” between the culture and the barbarity, that is, is it in the interior of the tension dialectic of the formation of the conscience and transformation of the circumscribed reality or to the domination game and of the social *regression of the spirit*.

Keywords: Fetishism. Merchandise. Education. Alienation. Formation.

Referências

- ANTUNES, Jadir O fetiche forma-salário. In: Souza, Elaine C. de; Craia, Eladio C. **Ressonâncias filosóficas: entre o pensamento e ação**. Cascavel: EDUNIOESTE, 2006.
- BOTTOMORE, Tom. (Org.) **Dicionário do pensamento marxista**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

COSTA, Áurea; NETO, Edgard; SOUZA, Gilberto. **A proletarização do professor: neoliberalismo na educação.** São Paulo: Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2009.

DUARTE, Cláudio. *Auschwitz após educação: desdobramentos da crítica ao fetichismo das relações sociais em Adorno.* In: http://militante-imaginario.blogspot.com/2005_06_16_archive.html

FRIGOTTO, Gaudêncio. Educação e formação humana: ajuste neoconservador e alternativa democrática. In: GENTILI, Pablo A. A.; SILVA, Tomaz T. da. (Orgs.) **Neoliberalismo, qualidade total e educação: visões críticas.** 4ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

GOERGEN, Pedro L. A crítica da modernidade e a educação. Revista **Pro-posições**, vol.7, nº2 (20), p. 5-28, julho de 1996.

MARX, Karl. **Sociologia.** Organizador. Otavio Ianni. 7. ed. São Paulo: Ática, 1992.

_____. **Salário, preço e lucro.** São Paulo: Abril Cultural, 1982. (Coleção Os Economistas).

MORAES, Maria C. M. Recuo da teoria: dilemas na pesquisa em educação. **Revista Portuguesa de Educação**, ano/vol. 14, nº 001, Universidade do Minho, Braga, Portugal, 2001 – pp.7-25.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e reificação.** São Paulo, Ciências Humanas, 1981.

PUCCI, Bruno (org.) **Teoria crítica e educação: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt.** Petrópolis, RJ; Vozes; São Carlos: EDUFSCar, 1994.

RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor.** São Paulo: Brasiliense, 1980.

SHIROMA, Eneida O.; MORAES, Maria C. M.; EVANGELISTA, Olinda. **Política Educacional.** Rio de Janeiro, 2ªed. DP&A, 2002.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

SILVA, Tomaz T. da.; GENTILLI, Pablo (Orgs.). **Escola S.A.: quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo.** 2ª Ed. Brasília: CNTE, 1999.

Data de recebimento: 21/02/2011

Data de aceite: 21/06/2011